
Evidências e silenciamentos nos discursos de lágrimas contra a política de tolerância zero anti-imigração dos USA¹

Magali Simone de Oliveira²

RESUMO: O objetivo deste artigo é evidenciar as estratégias discursivas utilizadas pelos adversários do presidente Donald Trump contra a continuação da política de tolerância zero estadunidense. As imagens divulgadas pela mídia mundial colocaram em xeque a adoção das medidas calcadas na separação entre os “imigrantes ilegais” e suas crianças, detidas em jaulas e/ou em presídios, sem possibilidade de contato com seus pais ou responsáveis. Pretende-se, assim, também analisar as justificativas do próprio governante republicano para explicar seu recuo na revogação do polêmico decreto. Por meio de teóricos como Pêcheux e Orlandi, busca-se, tendo como base uma pesquisa bibliográfica e documental, identificar e descrever os efeitos de sentido salientados e ofuscados nestes discursos repletos de silêncios.

PALAVRAS-CHAVE: Formações imaginárias; discurso fundador; formas do silêncio; imigrantes ilegais; crianças enjauladas.

1-Introdução: Em vários países, a ideia de que a família é a base da sociedade é um discurso fundador, conforme conceito de Orlandi (2003). Para Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014) o discurso, como parte da linguagem, é constituído, ao mesmo tempo, por características sociais e históricas em que se confrontam sujeitos que ocupam diferentes “lugares” em uma determinada sociedade.

Tal premissa facilita identificar e descrever os “efeitos de sentido” causados pelo acirramento da política de tolerância zero à imigração ilegal, imposta pelo presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, que causou escândalo ao separar “imigrantes ilegais” de seus filhos, sobrinhos, netos ou tutelados, menores de idade.

Desde o dia 19 de junho de 2018, imagens de crianças, algumas bem pequenas, detidas em jaulas, chorando e gritando por seus pais, em presídios e abrigos do Texas, nos Estados Unidos da América, ganhou os holofotes da mídia em todo o mundo. O terror imposto a estas crianças e adolescentes refletiu o acirramento da política de tolerância zero à imigração ilegal imposta por decreto que passou a vigorar em abril de 2018.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagens e Imaginários, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista graduada pela PUC-MG, mestre em Letras (Análise do Discurso e Crítica da Cultura pela UFSJ e doutoranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. E-mail: magalisimone1@gmail.com

De acordo com o site News/BBC Brasil ³, durante o governo do democrata Barack Obama, imigrantes sem documentos condenados por crimes graves ou considerados “ameaça à segurança nacional” eram deportados. Os flagrados sem documentação eram presos, mas havia atenuantes neste tipo de julgamento. Além da possibilidade de entrar com recurso e de pagar fiança; laços com a comunidade e o fato de trabalharem eram levados em conta no momento de determinar ou não a deportação.⁴

Já com Trump, ainda segundo o site da BBC, qualquer tipo de infração ou crime pode justificar a expulsão do país. Disposto a intensificar a política de retaliação à imigração ilegal, o presidente estadunidense decretou que filhos, sobrinhos, netos ou tutelados menores detidos junto aos “imigrantes ilegais” fossem mantidos em presídios e abrigos separados de seus familiares e tutores. De abril até junho de 2018 mais de 2000 crianças foram submetidas a este tipo de “punição”.

Mas as imagens destes meninos e meninas enjaulados, chorando, sem os cuidados de seus familiares colocou a política de tolerância zero em xeque. Integrantes da mídia, da opinião pública estadunidense e internacional, opositores do partido Democrata, e até correligionários de Trump, do partido Republicano criticaram a adoção de tal medida.

Não bastasse isso; a separação das crianças de seus pais foi criticada ainda pela própria esposa do presidente, Melania Trump⁵ que, em um raríssimo pronunciamento, disse em nota divulgada à imprensa, que “detestava ver as crianças separadas de suas famílias” e que “esperava que imigrantes e o governo chegassem a um consenso”.

Também a ex-primeira-dama, Laura Bush, mulher do Republicano George W. Bush, em artigo no “Washington Post”, disse que a separação das crianças “parte seu coração”. Ela também acrescentou :“Eu moro em um estado fronteiro ao “Texas”. Eu aprecio a necessidade de cumprir a lei e proteger nossas fronteiras; mas esta política de tolerância zero é cruel. É imoral”⁶

³Brooks, Dario. BBC Mundo. 5 questões para entender como é o processo de deportação de imigrantes ilegais nos Estados Unidos. **BBC** Atualizado em 22 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39049799>

⁴ Os democratas aprovaram uma lei proibindo que crianças fossem detidas em presídios com seus pais, mas a separação, segundo o site, era uma exceção. Em geral, pais e filhos eram deportados.

⁵Jornal O TEMPO/RIO EL PASO. Avó brasileira está separada do neto autista há dez meses. Jornal **O TEMPO**. Número 7859. Ano 22. Pág. 19/06/2018

⁶ Idem.

Pelo menos quatro estados⁷ se recusaram a cumprir à ordem dada por Trump de enviar reforços militares para as fronteiras: Colorado, Nova York, Maryland e Massachusetts. O governador de Nova York, o democrata Andrew Cuomo⁸, em *Twitter* divulgado no dia 19 de junho declarou: “Não seremos cúmplices dessa tragédia humana. Diante do tratamento desumano do governo federal com as famílias de imigrantes, Nova York não irá contribuir com a Guarda Nacional da Fronteira”.

As críticas à detenção das crianças também serviram de justificativa para que os Estados Unidos decidissem abandonar a Comissão de Direitos Humanos da ONU, medida anunciada no dia 19 de junho, pelo governo Trump. A decisão foi uma resposta à crítica feita por Zeid Ra’ad al Hussein, alto comissário da ONU para Direitos Humanos, que classificou a separação das famílias de imigrantes ilegais como uma “medida impiedosa”. A ONU também vem questionando publicamente outras medidas adotadas por este país, o que irritou o presidente estadunidense.

Embora não tenha o hábito de recuar em suas decisões; Trump assumiu, segundo matéria do jornal O TEMPO⁹, ter ficado “tocado pela repetição das cenas divulgadas pela mídia que mostraram as crianças chorando”. Então, no dia 21 de junho de 2018, assinou um decreto determinando que as crianças fiquem no mesmo centro de detenção que seus pais¹⁰. E justificou: “todos com coração agiriam da mesma forma”.

As imagens de meninos e meninas enjaulados, chamando por seus pais, de acordo com análise feita neste estudo, articulou três tipos de elementos consonantes ou relacionados à Análise do Discurso proposta por Pêcheux e Orlandi : i- as formações imaginárias¹¹ e ii- o discurso fundador¹² e iii- os discursos do silêncio¹³.

Este artigo tem a pretensão de usando tais conceitos, analisar as estratégias discursivas utilizadas pelos adversários e aliados de Trump para criticar a intensificação da política de tolerância zero à entrada ilegal de imigrantes nas fronteiras dos Estados Unidos. Também deverão ser avaliadas, da mesma forma, a justificativa do próprio presidente para explicar seu recuo; o que deverá ser feito a seguir.

⁷ Jornal O TEMPO/WASHINGTON. Quatro Estados desafiam Trump. **Jornal O TEMPO**. Número 7860. Ano 22. Pág. 15. Publicado em 20/06/2018.

⁸ Idem.

⁹ Jornal O TEMPO/WASHINGTON. Trump recua e suspende a separação de crianças. **Jornal O TEMPO**. Número 7861. Ano 22. Pág. 16. Publicado em 21/06/2018

¹⁰ Idem

¹¹ Pêcheux (In, Gadet & HAK, 2014).

¹² Orlandi (2003).

¹³ Orlandi (2007).

2- Como as imagens das crianças enjauladas se relacionam com as formações imaginárias de Pêcheux (2014) e os discursos de silêncio de Orlandi (2007)

Em uma explicação rasa; às formações imaginárias, segundo Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014) remetem à posições, ou papéis sociais, que o sujeito assume em uma dada situação comunicativa. Assim, as formações imaginárias são elementos que designam o “lugar”, (ou papéis sociais) que os sujeitos como locutores e interlocutores atribuem cada um a si próprios e ao outro em um determinado ato de comunicação.

...esses lugares estão representados nos processos discursivos que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado, em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014, pág 81).

Deste modo, para Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014) todo processo discursivo relaciona-se com as formações imaginárias (representações que cada um faz de si e de seu interlocutor) baseadas nas seguintes relações de força: i- quem sou eu para lhe falar assim? (imagem que o locutor A faz de si); ii- quem é ele para que eu lhe fale assim? (imagem que o interlocutor B faz do locutor A), iii- quem sou eu para eles me falem assim? (representação que o interlocutor B faz de si mesmo) e iv- quem sou eu para que ele me fale assim? (representação que o interlocutor A faz do locutor B).

Deste modo, as imagens das crianças enjauladas chorando se articulam com o conceito de formações imaginárias porque os sujeitos e seus interlocutores, segundo Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014), não são apenas pessoas que dialogam, mas são perpassados pelos papéis sociais que ocupam, pelo momento histórico que vivenciam e pela ideologia que marca o tempo e o espaço onde estão inseridos.

De um lado; denominadas como locutor A, as crianças projetam imagens do lugar que ocupam (quem sou eu para lhes falar assim?); do outro; a imagem do lugar de B (adversários do partido Democrata, mídia e opinião pública estadunidense e mundial; aliados de Trump contrários à política de tolerância zero) faz do locutor A. Nesta

relação de forças há também a imagem que o locutor B faz de si mesmo e a forma como o locutor A percebe o locutor B.

Assim, descrevemos à análise de tais representações feitas por meio do quadro a seguir:

Quadro 1- *representações do jogo de formações imaginárias nas imagens de crianças enjauladas e nos opositores da política de tolerância zero.*

Expressões que designam as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja resposta subentende a formação imaginária correspondente
A para B- Crianças que (não) podem dizer, reivindicar, denunciar, expõem, mesmo assim, a crueldade da situação que vivenciam. Ao chorar e chamar: “pai, “mãe”, “tio (a)”, “avó (a)”, ou ao responder às perguntas dos repórteres. “Sou da Guatemala, de Costa Rica, do México, do Brasil, por exemplo, provocam sentimentos de solidariedade e empatia.	Imagem que o locutor A faz se de si mesmo.	Quem sou eu para lhe falar assim? As soas silenciadas. As crianças separadas de seus pais, classificados como “criminosos”, não têm voz. Mas em seu discurso de lágrimas, em seu (não) poder dizer - pois são menores e não respondem por seus atos – explicitam, salientam a crueldade da política de tolerância zero à imigração do governo Trump.
B em relação à A - Todos que se posicionam contra a separação das crianças e emprestaram suas vozes às famílias dos imigrantes ilegais para denunciar a crueldade da situação. B sobre B Ao assumirem-se como interlocutores das crianças, os adversários da política de tolerância zero à imigração chamam para si a responsabilidade de exigirem a reunião das famílias constituídas pelos imigrantes ilegais.	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado A Imagem do lugar de B para o sujeito colocado B	Quem sou eu para lhe falar assim? Mais que adversários e aliados de Trump contra a política de tolerância zero, estas pessoas se tornaram porta-vozes de A, que não têm legitimidade para dizer, ou reivindicar algo. Quem sou eu para que ele me fale assim? São pessoas que têm consciência de seu poder de intervir a favor das crianças porque “tiveram seu coração partido”, “por desejarem a união das famílias”, “por classificarem tal prática como cruel”, ou uma “tragédia” e ou que se recusam a obedecer as ordens do presidente. Como cidadãos cobram o fim de uma prática que repudiam: a separação dos pais e tutores (imigrantes ilegais) de crianças indefesas.
B para A	Imagem do interlocutor A faz do sujeito colocado em B	Quem são eles para que me falem assim? As crianças que, talvez, nem tenham consciência de que parte da sociedade estadunidense e internacional fala por eles.

Desta maneira, de acordo com a análise dessas formações imaginárias; à luz de Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014), fica claro a desigualdade das imagens dos sujeitos enunciadores dentro do discurso. As crianças enjauladas, vítimas do endurecimento da política contra à imigração ilegal, não ocupam os mesmos papéis sociais que seus defensores. Deste modo, articulam formações discursivas e ideológicas distintas das dos seus porta-vozes.

Estas crianças, algumas presas há quatro meses, chamam os pais, os avós, os tios - ou outros responsáveis que ultrapassaram a fronteira com eles- mas só ouvem o silêncio. A seus pais, familiares e responsáveis também detidos, e, que, como eles (não) podem falar, é imposto “um silenciamento como parte da identidade, pois é parte constitutiva do processo de identificação, é o que lhe dá espaço diferencial, condição de movimento...” (Orlandi, 2007, pág. 49). Desta forma, segundo categorização de Orlandi (2007), os imigrantes ilegais são silenciados pelo “silêncio fundante”.

Há pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de dizer “uma coisa”, para não deixar de dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é sua dimensão política. Essa dimensão política do silêncio está, no entanto, assentada sobre o fato de que o silêncio faz parte de todo o processo de significação (dimensão fundante do silêncio). Sem silêncio, não há sentido porque o silêncio é a matéria significativa por excelência, ou como diz Wittgenstein (1961): “a relação do silêncio com a linguagem mostra a constituição essencial da linguagem”. (Orlandi, 2007, pág. 54).

Deste modo, o silenciamento das crianças em seu discurso de lágrimas, segundo Orlandi (2007), é perpassado por sentidos. Embora não lhes seja concedido o direito legítimo ao dizer – são menores de idade e não responsáveis por seus atos- o fato de estarem dentro de jaulas, de terem sido detidas sem terem culpa, de chamarem por seus pais - soa como gritos que expõem a crueldade da intensificação da política de tolerância zero à imigração.

Já as manifestações contrárias à política de Trump; as pessoas que deram ouvidos aos discursos de dor silenciados das crianças e seus familiares assumem como papéis sociais a função de porta-vozes destas crianças. Quebram o silêncio dos silenciados, mas por meio de um novo tipo de discurso do silêncio: o silêncio constitutivo: calcado na premissa , segundo Orlandi (2007), de que para dizer algo, é

preciso não dizer alguma coisa. Assim, necessariamente, ao se dizer algo, se deixa de falar aquilo que não se considerou relevante.

Segundo Orlandi (2007), a análise das formas de silêncio na linguagem é algo complexo. Deve-se partir não só de “marcas”, “conjecturas”, mas também do caráter histórico (discursivo) e também levar em conta a interdiscursividade. Ainda é necessário trabalhar com a noção de completude/incompletude e analisar as “figuras” como produtoras do processo de deslocamento retórico “como sintomas”, da marginalização dos processos de significação. Ainda é preciso levar em conta os múltiplos textos, as paráfrases.

Deste modo, “ao falar pelos imigrantes ilegais”; os porta-vozes das crianças separadas de seus familiares, nos discursos expostos neste artigo, limitaram os “sentidos” de seus protestos a uma construção discursiva constituída por sintagmas verbais e ou adjetivais de caráter patêmico, ou seja, emocional.

São exemplos destas estratégias discursivas o uso de expressões como: “detestava ver as crianças separadas de suas famílias”; “ parte meu coração”, “esta política de tolerância é cruel. E imoral”; “Não seremos cúmplices dessa tragédia humana”, ou “medida impiedosa”.

Ao se posicionarem usando tais estratégias discursivas que remetem a sentidos patêmicos; salientando as emoções de tristeza, solidariedade, angústia causada pela separação e encarceramento de crianças (não responsáveis por ultrapassarem a fronteira de forma ilegal); os opositores às medidas de separação das famílias de “imigrantes ilegais”; não expõem discursos de outra ordem que, são assim, ignorados.

Alguns, como Laura Bush, dão dicas do que é silenciado. Ela assume defender “a lei e o cumprimento das normas que limitam a entrada de imigrantes nos Estados Unidos”. Como ela, os demais defensores das crianças não discutem as regras que fundamentam a legislação de contenção à imigração, ou os critérios que definem quais imigrantes são “desejáveis” ou não.

Ou ainda: não há discursos questionando possíveis causas da imigração como a interferência político-econômica dos Estados Unidos nos países subdesenvolvidos— como o estímulo às ditaduras militares instituídas na América do Sul, no século passado - ou ações econômicas como taxações na compra de produtos exportados por estes países que prejudicam as finanças de tais nações.

Tais questões, em sua interdisciplinariedade com discursos de partidos e ideólogos da esquerda sul-americana; não são discutidas sequer pela mídia estadunidense ou mundial. Também não se questiona quem está mais suscetível a ser considerado "indesejável". São os negros? Os latinos? Todos originados de países subdesenvolvidos (pobres)? Os que apresentam algum tipo de doença ou necessidade especial? São critérios ideológicos? Questões religiosas? Justificativas relacionadas ao tipo de atividade que estes imigrantes pretendem exercer no país: trabalho, estudo ou lazer.

O silêncio sobre estas nuances ideológicas e políticas está carregado de sentidos constituídos por incompletudes. Assim, ainda segundo Orlandi (2007), mesmo que não tenham consciência do que dizem; ao (não) dizer, os sujeitos estabelecem laços com o silêncio. Desta maneira, o que é silenciado é perpassado, segundo Orlandi (2007) por sentidos polissêmicos constituídos pela presença dos sujeitos sociais em seus discursos

...o silêncio é mais ainda. – ele significa por si mesmo: “O silêncio não são palavras silenciadas que guardam um silêncio sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge”[...] (Orlandi, 2007, pág. 69).

Desta forma, quem exige o fim da separação das crianças de seus pais não discursa sobre o lema “América para americanos”, uma das principais bandeiras de Donald Trump, enquanto candidato. Apenas exigem o fim da crueldade imposta às crianças. A reviravolta no caso, quando Trump decidiu revogar o decreto e reunir os meninos e meninas detidos às suas respectivas famílias; remete a outro tipo de formação imaginária, segundo Pêcheux (In: Gadet & Hak, 2014).

Apesar da disparidade de visadas dos sujeitos do discurso que se confrontam em relação de força díspares; os sentidos articulados nesta nova composição de agentes sociais articulam formações discursivas e ideológicas semelhantes às do quadro 1 como demonstrado no quadro 2 a seguir:

Quadro 2: representações do jogo de formações imaginárias entre os porta-vozes das crianças e Trump

Expressões que designam as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja resposta subentende a formação imaginária correspondente
A sobre A – Aliados e opositores de Trump que agem como porta-	Imagem do lugar A para o sujeito colocado em A.	Quem sou eu para lhe falar assim? São familiares (a

às crianças, que não podem ser responsabilizadas pela decisão de seus pais e tutores de ultrapassar a fronteira de forma classificada como “ilegal” pela justiça deste país.

Trump admite ter sido “tocado pela repetição das cenas divulgadas pela mídia que mostraram as crianças chorando”. Ele também afirma que “todos com coração”, agiriam da mesma forma (recuar), justificando, deste modo, sua decisão de reunir as famílias de imigrantes ilegais.

Ficam assim evidenciados nos discursos articulados pelos sujeitos A (portavozes das crianças) e pelo interlocutor B, Trump, as explicações patêmicas. Estas justificativas silenciam, no entanto, outras “explicações” à crueldade imposta às crianças como os motivos que levaram seus familiares a imigrar. Ao explorarem economicamente, de forma predatória, os países subdesenvolvidos, contraditoriamente, os EUA, criam um problema para si: aumentam o número de pessoas que ultrapassam as fronteiras de forma ilegal em busca das promessas de felicidade associadas ao *american way of life*.

3 - As crianças enjauladas e sua relação com discursos fundadores globalizantes

O caráter patêmico das manifestações contrárias à política de Trump se opondo à separação das crianças e de seus pais se articulam com doxas ligadas a discursos fundadores como a importância dos laços familiares na constituição de indivíduos capazes de respeitar normas e agir conforme os valores hegemônicos de uma dada sociedade.

Nós acrescentaríamos: enunciados, como os dos discursos fundadores, aqueles que vão nos inventando, um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido: diga ao povo que eu fico, quem for brasileiro, siga-me, *libertas que sera tamem*, independência ou morte, em se plantando tudo dá. (Orlandi, 2003, pág. 12).

Assim, segundo Calhau (2005, *apud* Portugal)¹⁴, a falta de estrutura familiar pode gerar adultos considerados problemáticos, com dificuldade de se relacionar socialmente, ou que desenvolvam patologias como o vício das drogas e do alcoolismo, muitas vezes, associado à prática de delitos.

¹⁴ Portugal, Maria G. O papel da família em relação à criminalidade. **Jurídico Certo**. Publicação da Instituição Jurídico Certo. Publicado em 28/02/2018. Disponível em: <https://juridicocerto.com/p/advocacia-maria-por/artigos/o-papel-da-familia-em-relacao-a-criminalidade-4340#>

Dentro deste contexto, pode-se afirmar que existe uma relação íntima sobre a criminalidade e a base educacional oriunda da família. Atualmente, na maioria dos índices de criminalidade analisados na sociedade pode-se observar a predominância de uma grande participação de jovens, em sua maioria de origem de famílias desestruturadas (Jurídico Certo, 2018).¹⁵

Segundo Kellner (2001), as narrativas veiculadas pela mídia estadunidense, constituída pela televisão, cinema, rádio, ou outras publicações a que os trabalhadores têm acesso em seu tempo de lazer servem como modelos de valores sociais instituindo o que deve ser considerado positivo ou negativo, moral ou imoral, sucesso ou a falta dele, e, assim por diante.

Deste modo, o cinema americano, assim como algumas séries de sucesso produzidas neste país, ajudam a difundir doxas hegemônicas capitalistas, entre crenças como a da necessidade de união familiar. Assim, por exemplo, na década de 1980, filmes como *Atração Fatal*¹⁶ constituiu-se como um com forte apelo moralista em defesa da instituição casamento monogâmico.

O outro lado de *Atração fatal* é a moral da história para os homens, pois os adverte de que caso se desviem da monogamia matrimonial – nem que por uma só vez-, o resultado são as desgraças e a destruição daquilo que é apresentado como a coisa mais importante da vida [no caso a família, grifo meu] (Kellner, 2001, págs 151-152)

Seguindo a mesma lógica, outras séries mais recentes, algumas dedicadas à adolescentes como *The Vampire Diaries*¹⁷, também mantém uma representação da família, que por meio destas narrativas têm acesso a padronização de gostos, valores, crenças (doxas) que, segundo Kellner (2001), “fornece o material com que muitas pessoas constroem o senso de “classe”, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”.

Desta maneira, as imagens das crianças enjauladas, gritando por seus pais remeteram ainda a outros interdiscursos que podem ser associados à discursos

¹⁵ Tal discurso reverbera o conceito de Althusser (1980) que classifica a família como um “aparelho ideológico do Estado”, ou seja, uma instituição que padroniza gostos, valores, comportamentos adequados à ideologia hegemônica imposta pela elite.

¹⁶ Dirigido por Adrian Lyne, o filme lançado pela Paramount Pictures, em 1987, se tornou “queridinho” do público em todo o mundo, tornando-se cult. Foi indicado a três Óscares: melhor diretor Adrian Lyne, melhor atriz, Glen Close e melhor atriz coadjuvante, Anne Archer. Visto em 04/06/2018. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-3106/>

¹⁷ *The Vampire Diaries* é uma série baseada no triângulo amoroso entre dois irmãos Damon e Stefan Salvatore que disputam o amor da estudante Elena Gilbert, sem abrir mão da amizade que os une. Foi lançado em 2009, pela emissora CW e saiu do ar, em 2017, após oito temporadas. Foi exibido no Brasil pela MTV, SBT e está disponível na Netflix. Visto em 04/07/2018. Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/The_Vampire_Diaries_\(série_de_televisão\)#Exibição](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Vampire_Diaries_(série_de_televisão)#Exibição)

fundadores mundiais do século XX, ampliando-se o conceito de Orlandi (2003) para o âmbito internacional, como os horrores impostos aos povos europeus vitimados pelo nazismo.

Aplicando-se esta lógica, os estadunidenses não parecem se sentir “confortáveis”, em reproduzir, por meio da política de tolerância zero contra a imigração ilegal, representações de si que re-signifiquem de alguma forma, imagens associadas, interdiscursivamente, aos horrores que reverberam “o legado” de Hitler e Mussolini: a morte de mais de seis milhões de seres humanos.

Assim, neste deslizamento de sentidos, as imagens das crianças enjauladas também se relacionam, ou re-significam às imagens dos filhos de judeus; de testemunhas de Jeová, de ciganos, adolescentes homossexuais, ou portadores de necessidades especiais enviados aos campos de concentração, e, separados de seus familiares, para morrer.

A memória discursiva de tais comparações, no entanto, circulou nas mídias sociais, como o *Facebook*, por meio de postagens anônimas, associando discursos de Trump aos de Hitler como demonstrado abaixo¹⁸:



Figura 1- Como Hitler fez com os judeus, Trump defende que imigrantes ilegais não são "humanos"

Desta forma, se para Hitler, pessoas de origem judia não poderiam ser consideradas “humanas”, e sim classificadas como “animais”; para Trump¹⁹ e parte de seus eleitores, há “imigrantes ilegais” (sobretudo os africanos, latinos, pessoas cuja religião ou ideologia possam ser consideradas ameaças à sociedade estadunidense) que, supostamente, também não seriam “humanas”.

¹⁸ A tradução da imagem é a seguinte: judeus não são pessoas, eles são animais, Adolf Hitler. Imigrantes sem documentos (ou ilegais) não são pessoas, eles são animais. A segunda frase é atribuída a Trump em artigo HYPENESS/da redação. Para Donald Trump, imigrantes ilegais não são “pessoas” e “sim animais”.

¹⁹ Da Redação/ HYPENESS. *Para Donald Trump imigrantes ilegais “não são pessoas” e sim “animais”*. Publicado em maio de 2018. Disponível em : <https://www.hypeness.com.br/2018/05/para-donald-trump-imigrantes-ilegais-nao-sao-pessoas-e-sim-animais/>. Acesso em 24 de junho de 2018.

Tal posicionamento racista parece ser reafirmado pela primeira dama, Melania Trump, que a despeito de ter criticado a política de tolerância zero, em viagem ao Texas, para visitar as crianças separadas de seus pais nos abrigos ali localizados, vestiu um casaco²⁰ com os seguintes dizeres “*I really don’t care. Do u?*”²¹

No dia 30/06/2018²² mais de 700 manifestações, em todos os estados do USA, reuniram milhares de pessoas e ongs de ativistas contrários à separação das famílias de imigrantes ilegais. Novamente, as estratégias discursivas, foram perpassadas por discursos patêmicos e doxas de defesa da família.²³ Mas foram silenciados os questionamentos sobre os critérios que fundamentam a seleção de imigrantes legais.

4- Discursos de desigualdade que evidenciam os discursos de silêncios de losers e winners

É comum ver em filmes e programas estadunidenses às expressões *winners* (vencedores, quem se sobressai, é popular, ou ascende socialmente)” e *losers* (perdedores, desajustados, quem não se adequa aos padrões de sucesso desta sociedade).

Enquanto parte dos nascidos nos EUA expôs seu repúdio moral à política de tolerância zero à imigração; os presidentes da maioria dos países de origem dos imigrantes ilegais separados de suas crianças não se manifestaram publicamente sobre a violência imputada a seus cidadãos.

A linguagem como uma prática social institui novos sentidos ao se mudar os sujeitos do discurso e as formações ideológicas a que eles se filiam. Desta forma, os *losers*, ou líderes destes países, entre eles Brasil, Guatemala e Costa Rica, conscientes do que estava acontecendo, limitaram-se a acompanhar, por meio dos consulados de suas nações nos Estados Unidos, a situação dos detidos, sem interferir diretamente a

²⁰ G1. Melania Trump usa casaco com frase “Eu realmente não me importo” ao viajar para visitar crianças na fronteira. **G1** Publicado em 21/06/2018. Visto em 26/06/2018. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/melania-trump-usa-casaco-com-frase-eu-realmente-nao-me-importo-para-visitar-criancas-na-fronteira.ghtml>.

²¹ Embora tenha atribuído à associação da escolha do casaco usado nesta visita à *fake news*; o episódio fez com que algumas marcas produzissem casacos semelhantes com o seguinte dizer “*I really care, don’t u?*”. Drehmer, Raquel. Marcas criam respostas à jaqueta de Melania Trump. **ELLE**. Publicado em 04/07/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em: <https://elle.abril.com.br/moda/resposta-a-jaqueta-melania-trump-visita-criancas-detidas/>

²² G1- Manifestantes protestam nos Estados Unidos contra política de imigração de Trump. Jornal Nacional. Edição do dia 30/06/2018. Publicado dia 30/06/2018. Visto em 03/06/2018.

²³ Dois dos participantes destas manifestações, identificados como Megan e Joshua defenderam às famílias dos imigrantes ilegais. A primeira entrevistada disse ser mãe e que teve “seu coração partido ao ver filhos separados de suas mães”. “Não posso acreditar que nós tratamos seres humanos assim.” Já Joshua, classificou como “vergonhoso que isso esteja sendo feito em nome dos Estados Unidos”.

favor das famílias separadas, assumindo assim, o que Orlandi (2003) classifica como “silêncio constitutivo”.

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio com um efeito de discurso que instala o anti-implícito. Se diz “X” para não se dizer “Y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não dito que se quer evitar...(Orlandi, 2007, págs 73-74).

Os governantes destes países frágeis econômica e politicamente adotaram o discurso dos “*losers*” sujeitos não capazes de denunciarem a violência ou de adotarem critérios similares para a imigração de cidadãos estadunidenses em suas fronteiras. Assim, em seu silêncio, que também pode se adequar ao classificado por Orlandi (2007), como “silêncio local”, ou “manifestação da censura”; parecem reconhecer as normas que delinham a política de imigração e o direito de punir quem desrespeita tais regras.

Por outro lado, tal silêncio pode ser visto como uma estratégia de resistência, evitando assim, provocar a ira dos USA e seu beligerante presidente. Assim: “O silêncio, mediando às relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras.” (2007, p. 37).

5- Algumas considerações sobre as reações aos discursos de tolerância zero à imigração

Assim como a imagem de um Donald Trump enorme frente a uma criança pequena e assustada, que ilustrou a capa da revista Time²⁴; os presidentes dos países que tiveram “imigrantes ilegais” separados de seus filhos, mostram-se, em seu silêncio constitutivo/local, tão frágeis quanto a menininha hondurenha, de dois anos, intimidada pela imagem do presidente estadunidense nesta já citada edição²⁵.

²⁴ Da Redação/São Paulo. Revista Time faz capa com Trump encarando criança imigrante. **Folha de São Paulo**. Publicado em 21/06/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/revista-time-faz-capa-com-trump-encarando-crianca-imigrante.shtml>

²⁵ Mundo/Folha de São Paulo. Em conversa telefônica de meia hora, Trump e AMLO falam de imigração e comércio. **Folha de São Paulo**. Publicado em 02/07/2018. Visto em 04/07/2018. Ligado à esquerda, o presidente mexicano, AMLO, eleito no último dia 01/07/2018 foi uma exceção entre as lideranças dos países de origem dos imigrantes ilegais. Ele disse ter proposto a Trump um acordo comercial abrangente que possa gerar empregos e diminuir a imigração mexicana. Tal proposta vai contra a ideia do presidente estadunidense de exigir que o México construa um muro para impedir a entrada de seus cidadãos de forma ilegal nos EUA.

Sem coragem de protestarem contra o tratamento desumano imputado aos seus cidadãos, os presidentes dos países de origem dos “imigrantes ilegais” parecem reforçar a tese dos Estados Unidos - que se apoderou do adjetivo gentílico “América”, de que somente eles são “americanos”; silenciando desta forma, o fato de que “*los cucarachas*” “são tão americanos” quanto eles.

A premissa de que “*todos somos iguais, mas uns são mais iguais que outros*”, de Orwell (2007)²⁶ continua em vigor. Assim, no jogo de formações imaginárias, as crianças e os imigrantes ilegais são representados como sujeitos do (não) poder dizer.

Aos “*losers*”, é dado o tratamento oferecido aos “*bad gays*”: prisões, torturas físicas e psicológicas, humilhações diversas. Nesta relação de forças, em que os “imigrantes ilegais”, supostamente “não são humanos o suficiente” para cruzar as fronteiras dos USA, o *american way of life* nada mais é que uma versão piorada do “canto das sereias”.

Seu poder de sedução ilude os incautos navegantes e exploradores, convencendo-os a “abandonarem seus barcos” e a “jogarem-se ao mar” fazendo-os, assim, se afogarem nas profundezas do oceano capitalista, da livre concorrência e da meritocracia, em que os *losers* “não são humanos”, mas aberrações de um bizarro circo de horrores.

6- Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 198
- GADET, François, HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Berthania S. Mariani... [et.al] – 5ª ed- Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2014.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura das Mídias. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru. SP. EDUC, 2001.
- ORLANDI, ENI. (ORG). **O Discurso Fundador**. A formação do país e a construção da identidade nacional. Belo Horizonte. Pontes. 3ª ed. 2003.
- _____. **As formas do silêncio**. Campinas. Editora da Unicamp, 2007
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos: um conto de fadas/ tradução Heitor Aquino Ferreira; posfácio Christopher Hitchens** – São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

²⁶Orwell, George. **A revolução dos bichos: um conto de fadas/ tradução Heitor Aquino Ferreira; posfácio Christopher Hitchens** – São Paulo: Companhia das Letras. 2007.